

Silêncio, trauma e criação:  
uma leitura laplancheana de *Desconstruindo Una*

Fábio Belo<sup>1</sup>

## 1. Pesos do silêncio

Aos 10 anos de idade, Una foi seduzida por Damian, um homem adulto (Una, 2016, p. 24). Una cuidava da irmã mais nova e não tinha a atenção dos pais. Um ano depois, Una sofre mais uma vez um abuso sexual, desta vez de Terry que dizia ser o namorado dela (Una, 2016, p. 35). Sobre a série de violências sofrida nada falou e guardou silêncio durante anos.

Ao mesmo tempo em que tece seu relato pessoal, Una nos conta como a década de 70 foi marcada por investigações infrutíferas sobre assassinatos em série de mulheres em várias cidades da Inglaterra. Ela narra ao longo do livro como apenas muito tempo depois se descobre que não são monstros aqueles abusadores e assassinos, mas homens comuns (Una, 2016, p. 127).

Gostaria de analisar essa narrativa como uma espécie de modelo do que acontece em alguns casos de abuso. Há um percurso de elaboração do traumático que vai do silêncio à simbolização e a história de Una nos ajuda a ver isso de forma clara.

De forma geral, é possível compreender o silêncio advindo do abuso como resultado de um excesso pulsional que não pode ser traduzido pela criança. A experiência é vivida de forma geral como um duplo vínculo: o adulto seduz a criança e finge que nada está acontecendo de anormal. O medo ou a culpa do adulto cria uma situação absurda: a criança vive uma experiência, mas não recebe nenhum tipo de apoio para simbolizá-la. Os desenhos de Una carregando um balão de diálogo vazio são uma metáfora clara deste processo:

---

<sup>1</sup> Prof. de Psicanálise (UFMG). Contato: [www.fabiobelo.com.br](http://www.fabiobelo.com.br)



A questão aqui é o enorme peso do silêncio. Apenas aparentemente temos o vazio. O que está em questão, insisto, é o excesso de excitações e mensagens sexuais que a criança não consegue traduzir. O silêncio é sentido como imposição e impotência do dizer muito mais que resposta voluntária. Ao longo do tempo, o silêncio ganha o enorme peso da vergonha, do medo e da culpa, o que torna cada vez mais difícil tanto de suportar quanto de compartilhar com alguém as dores sofridas.

Enfrentar a passividade essencial da situação infantil, é esta a tarefa maior da simbolização. O que a simbolização, concebida como tradução impossível, deixa cair, é a fantasia inconsciente. Apenas ela é a fonte da pulsão sexual humana. Com relação a ela, estamos numa posição de passividade essencial, uma posição de “masoquismo originário”. (Laplanche, 1992 [1991], p. 455)

Una foi abusada aos dez anos. Isso talvez explique a capacidade posterior que ela teve de simbolizar o crime sofrido por ela. É plausível imaginar que quanto mais precoce for o abuso, menor será essa capacidade de simbolização. O que Laplanche insiste é que de toda sedução resta a fantasia como cicatriz e organizadora das excitações implantadas e intrometidas na criança. Destas fantasias, é fundamental destacar o papel que o funcionamento masoquista ganha nas origens do sujeito psíquico. Mais uma vez, uso o relato de Una para explicar isso:

É de se esperar que eu fosse evitar intimidade, por causa do que aconteceu comigo, mas muitas vezes não funciona desse jeito. Crianças não racionalizam as coisas como os adultos. Elas gostam de atenção, e garotas têm sua própria curiosidade sexual. Mas elas não têm experiência de vida suficiente para perceber as mentiras que seus abusadores contam a elas para fazer com que colaborem. Uma vez que suas barreiras são quebradas, suas defesas não funcionam mais tão bem, e aqueles que querem te machucar estão atentos a isso. Descobrir que você não está segura nem no seu próprio corpo é profundamente traumático, infelizmente. Crianças traumatizadas podem desenvolver comportamentos que os adultos ao redor percebem como delinquência, então há mais punição e mais marginalização. Então adultos são desculpados enquanto crianças são culpadas, mas ser explorado porque você é vulnerável não é a mesma coisa que consentir. (Una, 2016, p. 45).

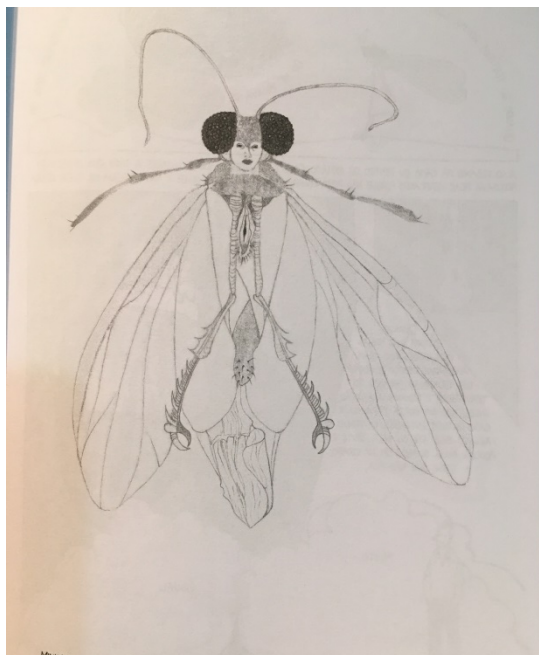
Una descreve com precisão o caráter intersubjetivo do crime sexual. De um lado, o adulto abusador; do outro, a criança vulnerável, curiosa e que busca o cuidado carinhoso de alguém. A tragédia do abuso se perpetua quando a criança mais tarde ainda não é ouvida quando tenta pedir ajuda sendo agressiva ou antissocial. Além disso, o trágico também se mostra quando a criança (a adolescente e a adulta posteriormente) tenta simbolizar a cena de agressão repetindo a cena de vulnerabilidade.

## **2. Abuso e masoquismo originário**

É importante muito cuidado para que a psicanálise não faça a dobra ideológica de culpar a vítima. Tal operação é sádica e é, infelizmente, muito comum em nossa cultura. No entanto, dizer que a criança vulnerável pode, em alguns casos, procurar situações que repetem a cena do abuso não quer dizer que ela seja responsável pelo crime. Ao contrário: perpetua e aprofunda a responsabilidade do adulto agressor que, ao ver o pedido de cuidado e acolhimento da criança, interpreta, de forma sádica, como sendo uma sedução adulta. A criança não sabe do jogo sexual e pode vir a repeti-lo porque ainda o toma como lugar do cuidado e do reconhecimento que procura.

A questão do masoquismo pode incrementar a sensação de que a psicanálise está fazendo essa dobra ideológica que critico. É importante lembrar,

portanto, que o masoquismo originário é a primeira forma que todas as pessoas têm de organizar o pulsional: deixar-se constituir pelas excitações que lhes são endereçadas. Constituir um dentro e um fora, operação psíquica mais básica, já é parte do masoquismo: existo, enquanto fronteira, ali onde me assujeitei ao holding constitutivo do outro. A grande questão é se esse holding será mais ou menos violento, mais ou menos elaborado para produzir simbolizações dessas fronteiras narcísicas que se constituem. Vejamos um desenho de Una:



O corpo um tanto disforme, transmutado em inseto, uma vagina no centro do peito, asas que não funcionam muito bem (Una, 2016, p. 41). A imagem deixa claro que a fantasia faz o que pode para contornar os excessos pulsionais deixados pelo adulto agressor. Ver-se disforme e pouco confortável no próprio corpo é a fantasia masoquista que tenta simbolizar, de forma absurda, uma violência absurda. É importante salientar a plasticidade infinita destas traduções:

A posição passiva da criança com relação ao adulto não é somente [devido à] passividade no comportamento, com relação à atividade adulta, mas passividade com relação à fantasia do adulto que faz intrusão nela. É o que nos mostra, no seu conteúdo mesmo, “a cena originária”: a criança impotente no seu berço, é

Ulisses amarrado ao mastro, ou Tântalo, a quem impomos ou intrometemos o espetáculo do coito parental. A este tremor [ébranlement] da dor responde a “co-excitação” que só se pode traduzir, regressivamente, pela evacuação [l'émission d'une selle]. (Laplanche, 1992 [1968], p. 52).

A última frase desta citação de Laplanche merece atenção. O excesso de excitação produzido pela experiência traumática deve procurar escoamento de alguma forma. A criança irá traduzir com o que tem, como pode. A tradução numa linguagem anal é uma das possibilidades: diante da excitação o dentro / fora do ânus serve de tradução para aquilo que entra e sai, aquilo que produz prazer e dor a um só tempo.

(...) a passividade é, para nós, intrusão, primeiro intrusão do desejo adulto na criança, posteriormente, depois da aparição de um primeiro esboço de eu, intrusão do interior, brecha sem cessar renovada pela fantasia no limite do eu. Esta efração sofrida, mesmo se ela deriva parcialmente da relação intersubjetiva de dominação-submissão, faz aparecer uma dimensão completamente nova com relação a isso: a *intra*-subjetiva ligada à intrusão intrasubjetiva, a fantasia, a excitação sexual masoquista. (Laplanche, 1992 [1968], p. 53).

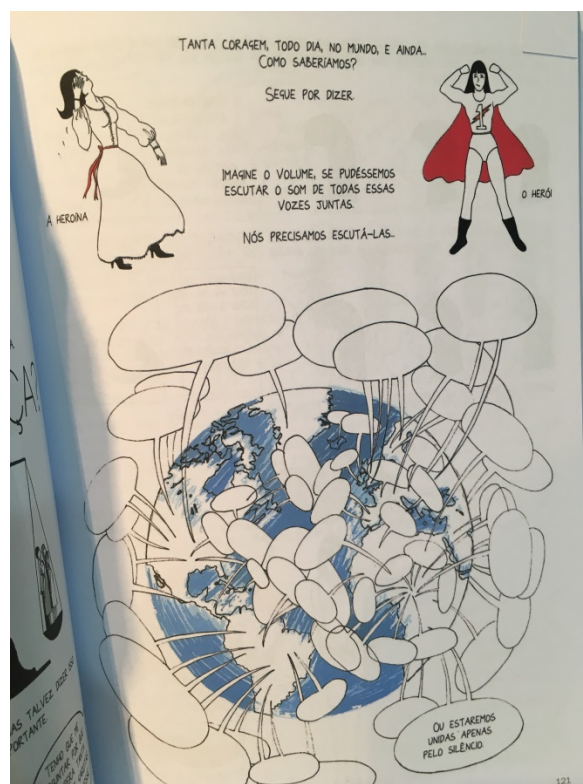
E é essa fantasia, intrusão intrasubjetiva, que será a bússola para as relações futuras da criança. Se a fantasia estiver fixada de forma a fazer repetir a relação de dominação-submissão, é isso que teremos ao longo do tempo, tanto em termos de fantasia, quanto em termos de atuação. Mais uma vez: tal atuação em nada responsabiliza a criança vítima de abuso. Tais atuações convocam ainda mais fortemente a comunidade como um todo a acolher essa criança e oferecer condições para que novas traduções possam ser feitas.

O que relatos como os de Una nos mostram é que possível fazer continuar o jogo de traduções tornando-as menos precárias e menos comprometidas com um masoquismo preso à repetição mortífera da cena traumática. Quais são as condições para que outras e melhores traduções aconteçam?

### **3. Passividade e criatividade**

Alford (2013) nos ajuda a perceber o trauma como algo singular, mas com clara dimensão política: grupos de indivíduos, grupos marginalizados são alvos prioritários de certos tipos de trauma. O trauma sexual perpetrado no abuso sexual infantil é político. Insistir nisso, veremos, produz um encaminhamento prático importante: é preciso pensar em políticas públicas amplas e de várias frentes para prevenir os crimes, acolher suas vítimas e tratar os criminosos.

A tese de Alford, no entanto, é sobre o perdão. Para ele, a vítima “deve ver este mundo como um mundo bom o suficiente para viver, mesmo que ele seja o mesmo mundo que é capaz de tirar tudo o que é valioso da vítima numa batida de coração” (Alford, 2013, p. 5). Perdoar é uma forma de não continuar paralisada pelo trauma. Para que isso possa ser feito é fundamental que o mundo possa ser visto novamente como um espaço transicional – um espaço que crio e encontro ao mesmo tempo, sem abalos violentos que desmintam esse encontro criativo. E para que o mundo seja um espaço assim novamente, é preciso que haja uma comunidade que cuide e acolha as pessoas que sofreram trauma de tal forma que elas possam recuperar a confiança nos outros. A questão que Alford nos coloca é como construir essas “comunidades de holding” (p. 13). Nas palavras de Una, uma comunidade que una as mulheres pela palavra e não pelo silêncio:



Certamente, Una já é resultado dessa comunidade que pode acolher e dar espaço ao seu relato. Sua narrativa pode ajudar outras mulheres a se identificarem e também procurarem espaços – artísticos, comunitários, religiosos ou terapêuticos – de escuta e simbolização.

A pesquisa de Richman (2014) aponta que a arte, recurso que Una utilizou, é uma forma de reparar o que foi retorcido por eventos que nos sobrepujaram e nos tornaram desamparados. Através da arte, expressamos a dor interna, fabricamos um container para ela e convidamos os outros para serem testemunhas de nosso sofrimento. A arte pode ser uma via facilitada para o luto (Richman, 2014, p. 3).

A pesquisa de Richman se articula com a de Alford na medida em que a autora nos lembra que a “auto-expressão criativa produz uma oportunidade para o luto, para encontrar sentido e para reganhar algum sentido de continuidade e conexão” (Richman, 2014, p. 13). Ao externalizar sua dor, a artista pode se sentir menos só na medida em que a testemunha convocada atribui sentido e acolhe seu relato.

Parte do processo de simbolização é justamente permitir a perlaboração dos afetos vividos durante o trauma, encontrar formas distintas de escoamento que não repitam a cena traumática. Expor o trauma através da arte, defende Richman, faz com que a artista possa mudar de perspectiva, permitindo que ela reflita sobre o trauma “algo inicialmente terrificante sem fronteiras ou definição e [possa] defini-lo e integrá-lo numa narrativa coerente e com sentido” (Richman, 2014, p. 13).

Transformar o trauma em arte permite encorajar a restauração da conexão com os outros, uma conexão que o trauma ameaçou severamente ou rompeu de fato. A arte é colocar em movimento o desejo de ser reencontrado, mas de forma não invasiva. “A arte como meio de comunicação tem o potencial de reconectar a sobrevivente do trauma aos outros. É imensamente curativo sentir-se conhecida e reconhecida quando se foi deixada só e isolada.” (Richman, 2014, p. 96).

O destino artístico encontrado por Una não impediu que ela cultivasse fantasias de vingança sobre homens agressores. “Pensei sobre vingança. Eu costumava me imaginar cortando a cabeça de Theo com um machado.” (Una, 2016,

p. 132). Ela faz um desenho (p. 133) reproduzindo o famoso quadro de Gentileschi (1612) no qual Judith aparece decapitando Holofernes.



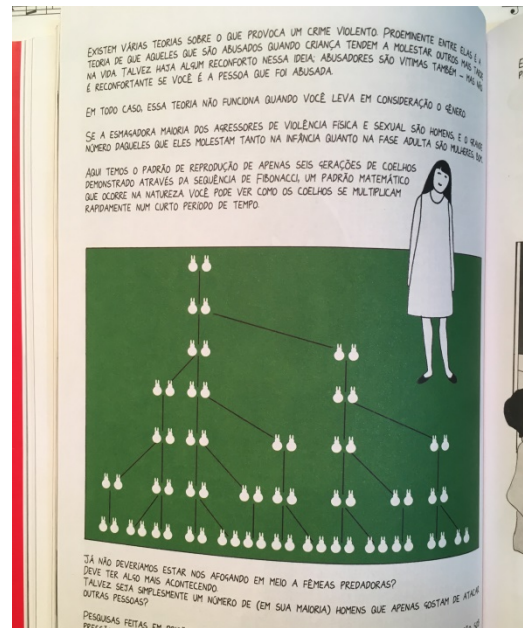
Artemisia Gentileschi (1612). Judith decapitando Holofernes.  
(Galleria degli Uffizi, Florence; detalhe)

Tais fantasias também devem ser acolhidas e alvo de conversa. A própria autora, no entanto, sabe que o cultivo de tais fantasias não permitirá flexibilidade necessária para mudar as condições *sociais* de possibilidade para que crimes assim continuem a ocorrer. Una (2016, p. 137-9) também aponta para o humor como uma saída possível. No entanto, a autora nos convoca nas últimas páginas de seu livro para que conversemos sobre nossa sociedade que tem sido sistematicamente leniente, permissiva e até elogiosa para com a violência dos homens contra as mulheres.

## Conclusão

Gostaria de terminar esta apresentação ligando os pontos que trouxe nas seções anteriores a partir de uma crítica inteligente que Una faz à teoria que supõe que os abusadores sofreram abusos anteriormente. Ela questiona: se a maioria das abusadas são mulheres por que não temos “fêmeas predadoras” a todo momento? Por que a prevalência de homens abusadores? A teoria da repetição invertida do trauma não leva em consideração o gênero? (Una, 2016, p. 126).





A crítica é importante e merece uma resposta da psicanálise. Minha tese é a seguinte: nossa comunidade se vale de vias compulsórias de simbolização endereçadas principalmente às mulheres de tal forma que elas não podem repetir a violência sofrida invertendo a cena do abuso, isto é, passando da posição passiva para a ativa. Já no caso dos homens abusados, as vias encontradas para essa inversão fantástica do masoquismo para o sadismo são abundantes. Tais vias prioritárias de forma alguma impedem outras muitas traduções da cena traumática, tanto para mulheres quanto para os homens.

Uma outra resposta importante é chamar a atenção para os matizes da sedução generalizada. O crime sexual não é monolítico: varia de intensidade, tem implicações diversas dependendo do contexto, da idade da vítima e do tipo de acolhimento que a criança recebe após os eventos traumáticos. Lembrar que a sedução generalizada e traumática está presente em qualquer situação antropológica constitutiva não torna os criminosos menos criminosos, apenas nos ajuda a acolher a complexidade dos traumas sexuais, tanto no que tange aos seus aspectos políticos e sociais, quanto em seus aspectos singulares, psíquicos e afetivos.

A mensagem final que o livro de Una nos deixa é que precisamos fornecer um espaço seguro para que ela possa se “desconstruir”, para que ela possa

continuar seu trabalho de elaboração privada e pública dos abusos que sofreu. Concordo com ela: prefiro não chama-la de “sobrevivente” (Una, 2016, p. 142). O que ela sofreu não foi um acidente ou um ataque natural. Foram atos concretos de homens reais que devem ser inscritos entre o político e o libidinal. Cabe a nós, agora, acolhermos esse relato, ecoá-lo para que sirva de via facilitada de identificação para outras vozes de outras pessoas (mulheres e homens) abusadas.

Una nos lembra que o silêncio dos mais fracos é antes de tudo silenciamento e recusa de acolhimento. Temos que lembrar que o silêncio dos mais fortes, dos que podem falar, dos que não foram atacados, mas que podem, pela via identificatória da solidariedade, defender e ajudar os oprimidos, o silêncio destes é abominável, pois é no mínimo conivente e, no limite, coparticipante da cena perversa.

Nossa tarefa ética, como psicanalistas e como cidadãos, é construir um *ethos* que proteja de forma responsável nossas crianças; que as escute quando forem vítimas de violência e que coloque em prática medidas concretas que interrompam a repetição mortífera do traumático. Há formas menos cruéis e mais solidárias de viver e atuar nosso masoquismo, condição originária de todos nós.

## Referências

- Alford, C. (2013). *Trauma and forgiveness: consequences and communities*. Cambridge University Press: Cambridge.
- Laplanche, J. (1992 [1968]). La position originaire du masochisme. In Laplanche, J. (1992). *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, pp. 37-58.
- Laplanche, J. (1992 [1991]). Masochisme et théorie de la séduction. In Laplanche, J. (1992). *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, pp. 439-456.
- Richman, S. (2014). *Mended by the muse: creative transformations of trauma*. Londres: Routledge.
- Una. (2016). *Desconstruindo Una*. (Christo, C., trad.). São Paulo: Nemo.

Belo Horizonte, 09 de maio de 2017